

Lição de casa e correção das atividades escolares

Rosaura Soligo

A reflexão sobre esses dois tipos de prática pressupõe, antes de tudo, considerar a concepção de ensino e aprendizagem que orienta o projeto educativo da escola.

Há escolas – geralmente chamadas de *tradicionais* – que se apoiam em duas ideias já bem antigas. Uma é de que a aprendizagem é o preenchimento de vazios ou lacunas de conhecimento ou a substituição de respostas erradas por respostas certas. A outra, decorrente, é que o aluno é um receptor, um depositário da maior quantidade possível de conteúdos, a fim de ter disponível na memória para apresentar bom desempenho em provas e, se for preciso, usar na vida.

Há escolas – geralmente chamadas de *inovadoras* – que se apoiam em ideias bem diferentes e entendem que a aprendizagem é um processo de construção de conhecimento e que o aluno é uma pessoa – uma criança, um adolescente, um jovem – com diferentes experiências, saberes e necessidades cognitivas, que devem ser conhecidas para se planejar propostas ajustadas ao que ele pode e precisa aprender – propostas que o desafiem a experimentar, a resolver situações-problema, a explicitar suas formas de pensar, a compartilhar ideias, a arriscar sem medo de ser punido pelo erro. Nesse tipo de escola, defendido cada vez mais por estudiosos da aprendizagem, e desejado por um número crescente de famílias, o aluno é, portanto, tratado como um sujeito ativo, e não como um receptor.

Em cada um desses modelos de escola, a lição de casa e a correção terão propósitos distintos.

Lição de casa

Por ser, entre outras razões, um ponto de intersecção da escola com o espaço privado da família, a lição de casa tem sido sempre motivo de preocupação de pais e educadores. E, na verdade, pode cumprir com finalidades distintas a partir da perspectiva dos diferentes envolvidos, diretos ou indiretos, em sua realização: professores, crianças e familiares.

Do ponto de vista da criança ou adolescente, por exemplo, pode servir, muitas vezes, de pretexto para exigir disfarçadamente a presença da mãe (às vezes também do pai), para demandar atenção. Do ponto de vista dos pais, pode ser uma oportunidade de acompanhar a aprendizagem do filho e conhecer melhor (e, por vezes, até mesmo monitorar) o trabalho do professor. Do ponto de vista da escola, tem a finalidade de complementar o trabalho realizado na sala de aula – e, nesse caso, as propostas serão diferentes a depender das ideias pedagógicas que orientam o projeto educativo. Se o aluno for considerado um depositário dos conteúdos clássicos, a lição de casa será um modo de ampliar o mais possível seu repertório e/ou exercitar sua memória; se for considerado um sujeito ativo, será um modo de instigá-lo a aprender, de interessá-lo, de alimentar seu desejo de ampliar os conhecimentos.

A seguir estão comentados alguns tipos de lição de casa mais compatíveis com as escolas de abordagens consideradas inovadoras:

Lições de continuidade

Atividades que dão prosseguimento a algo iniciado na sala de aula e que a continuidade em casa é importante para o desenvolvimento da proposta.

Por exemplo, ler sobre um determinado tema ou produzir um texto, aos poucos, durante toda a semana, para apresentar uma primeira versão depois de alguns dias – esse texto deve ter sempre destino e destinatários definidos desde o momento que a proposta foi feita.

Exercícios

Atividades que contribuem para desenvolver uma habilidade e que tenham sentido para as propostas de sala de aula e para os alunos.

Por exemplo, ler várias vezes um texto a ser recitado ou lido em voz alta para a turma ou estudar as tabuadas para ganhar maior agilidade nos cálculos para uma atividade que se vai realizar. Mesmo se forem propostas que envolvem memorização, os alunos precisam ser orientados sobre a melhor forma de proceder – no caso da tabuada, poderia ser repetir várias vezes, observar quais resultados se repetem, procurar identificar regularidades, dentre outros.

Lições que contribuem para o desenvolvimento de propostas em andamento

Atividades que envolvem, por exemplo, pesquisar materiais para um projeto, entrevistar pessoas que podem acrescentar informações relacionadas a um estudo, assistir a um documentário para discutir na aula etc.

Pesquisa e/ou estudo

Atividades que requerem pesquisar em diferentes fontes impressas ou na internet, anotar o que lê ou assiste, resumir, registrar informações sobre o que foi estudado para apresentar na aula, produzir textos necessários para um trabalho que está acontecendo.

Esses dois últimos tipos tendem a interessar especialmente os alunos, desde que os propósitos estejam claros e eles saibam como proceder, mas são muito inadequados quando antes não se garantiu a eles o domínio das habilidades requeridas.

Não é razoável propor pesquisa e estudo em casa se isso nunca foi feito na escola, de maneira assistida, com a ajuda do professor, na sala de aula ou na biblioteca, por muitas e muitas vezes. Os procedimentos de pesquisa e de estudo precisam ser ensinados de forma sistemática ao longo de toda a Educação Básica e, para tanto, dois encaminhamentos são imprescindíveis: definir uma proposta de progressão das habilidades priorizadas a cada ano e adotar uma metodologia de ensino das habilidades que inicie sempre com o trabalho coletivo de toda a turma junto com o professor, depois em pequenos grupos com supervisão do professor, mais adiante individual e, **somente quando os alunos realmente aprenderam**, como lição de casa.

Garantidas essas condições prévias, a depender do ano escolar, as propostas de lição de casa poderão incluir muitas possibilidades, como estas, por exemplo:

- Buscar informação em diferentes fontes.
- Localizar informações utilizando o índice/sumário.
- Sublinhar palavras ou fragmentos do texto para facilitar a localização de informações.
- Fazer anotações sobre cada parágrafo do texto lido, como, por exemplo: escrever palavras-chave, elaborar títulos/subtítulos e registrar comentários na margem.
- Elaborar e anotar perguntas sobre o conteúdo do texto.
- Marcar o que é principal e o que é secundário, estabelecendo relações.
- Comparar informações provenientes de diferentes fontes (como, por exemplo, enciclopédias, revistas, livros, páginas da internet) sobre um mesmo tema.
- Assistir a vídeos, para identificar e registrar informações relevantes sobre o tema tratado, anotando o que não ficou claro, quando for o caso.
- Anotar as impressões e opiniões pessoais sobre o que lê.
- Resumir para si mesmo ou para compartilhar o que leu, considerando as informações mais relevantes.
- Selecionar e hierarquizar as informações incluindo no resumo as que julgar indispensáveis, descartando as que considerar irrelevantes.
- Estudar a partir de resumos elaborados por si mesmo e pelos colegas.
- Elaborar e registrar conclusões sobre temas estudados, considerando diferenças ou divergências entre informações de fontes diversas.
- Elaborar esquemas, a partir do que foi identificado como principal e secundário em um texto, evidenciando graficamente as relações.

Em qualquer situação, é preciso, sempre que possível, manter um tom de desafio, que possa provocar interesse nos alunos, para que não façam as lições apenas porque são obrigados, mas que vejam o sentido que elas têm para a sua própria aprendizagem. Por isso, devem ser atividades produtivas, contextualizadas e possíveis de realizar sem intervenção do professor – e não apenas “mais do mesmo”, isto é, exercícios de treino e fixação na memória do que já foi trabalhado em sala de aula, como geralmente propõem as escolas mais tradicionais.

Dependendo da tarefa, os pais podem ajudar de maneiras diferenciadas, excetuando-se, evidentemente, **fazer por**, ou seja, fazer a lição **no lugar** dos filhos. A intenção é que os alunos, progressivamente, adquiram autonomia para realizar as lições de casa, o que não significa que o acompanhamento e a supervisão da família sejam totalmente dispensáveis nos anos mais avançados. Abaixo estão relacionadas algumas possibilidades de ajuda dos pais aos filhos nos anos iniciais de escolaridade¹:

- Pedir sempre para ver o que foi proposto como lição de casa.
- Valorizar o que já foi aprendido.
- Auxiliar na organização do material e da mochila.

¹ Especialmente no início da escolaridade, as crianças ainda precisam de ajuda para desempenhar e desenvolver o papel de estudantes: é preciso uma afinada parceria escola-família para que, com o tempo, conquistem independência e autonomia – essa parceria é ainda mais importante quando se identifica algum tipo de dificuldade que merece atenção.

- Incentivar a pedir explicações na classe sobre tudo o que for necessário.
- Destacar a importância de fazer tudo sempre da melhor maneira, com atenção e capricho, cuidando da apresentação e legibilidade dos trabalhos.
- Recomendar a revisão dos trabalhos feitos, desde os mais simples.
- Ajudar na organização de uma rotina, principalmente quando existem outras atividades extraescolares – que nunca devem ser excessivas.
- Incentivar um tempo diário de leitura e compartilhar esse momento propondo que leiam (ou imitem a leitura, se ainda não estiverem alfabetizados) para alguém da família, que recontem as histórias conhecidas, que recitem, que falem dos assuntos abordados nos projetos da escola, que expressem suas opiniões.

Nesse sentido, é importante ter em perspectiva os resultados de um amplo estudo publicado em 2013, no qual os sociólogos americanos K. Robinson e A. L. Harris divulgaram as conclusões da pesquisa "The Broken Compass: Parental Involvement with Children Education" (A bússola quebrada: envolvimento dos pais na educação das crianças - Harvard University Press), cujo propósito era verificar a eficácia (ou não) do envolvimento dos pais nos estudos dos filhos. Em uma breve análise do assunto, Contardo Calligaris² explica que os autores do estudo “estabeleceram 63 critérios para medir o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e procuraram os efeitos desse envolvimento ao longo de três décadas. Chegaram à conclusão que quase todo envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é sem efeito, quando não tem efeito negativo. Quando ajudam as crianças a fazer a lição de casa, isso pode melhorar temporariamente as notas, mas, a médio e longo prazo, não melhorará a performance escolar”.

Robinson e Harris concluíram que são três as principais contribuições positivas da família: o valor que atribui, de fato, à educação; a capacidade de conversar com as crianças sobre o futuro delas; e a leitura em voz alta para elas quando são pequenas.

Correção de atividades

A correção das atividades realizadas pelos alunos é um tema atravessado por alguns mitos antigos: um deles é que o erro deve ser corrigido e evitado a qualquer preço porque invariavelmente se fixa na memória; o outro é que atividades e cadernos não corrigidos indicam que não foram vistos pelo professor, o que, além de demonstrar displicência, revela que nenhuma intervenção foi feita para melhorar o que está errado.

Entretanto, essas são falsas ideias sobre o que, na realidade, importa.

Em primeiro lugar porque ver o erro não implica incorporá-lo como um aprendizado – se fosse assim, o mesmo aconteceria com o certo.

Vamos considerar o exemplo de uma criança de 1º ano que vê escrito diariamente, em vários momentos, *Escola Santa Francisca* e um dia aparece grafado em seu caderno *Ecola Sata Facica*, sem nenhuma correção da professora. Como é possível imaginar que ela fixaria essa escrita

² Folha de São Paulo, 14/08/2014.

com erro, que é episódica, e não todas as outras, corretas, com as quais tem contato o tempo todo?

Em segundo lugar, porque, nesse caso, a escrita de *Ecola Sata Facica* é informativa para a professora dessa criança: ao que tudo indica ela já sabe ler e, justamente por isso, não copiou, mas sim produziu uma escrita própria que revela o seu nível de conhecimento. Sabendo como acontece o processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita, a professora por certo irá propor atividades de análise das regularidades da língua que ajudem essa criança a aprender o que ainda não sabe (que as palavras não são grafadas apenas por padrões silábicos do tipo consoante→vogal), em vez de corrigir cada escrita produzida segundo essa hipótese equivocada, o que não ajudaria a compreender a natureza fonética da correspondência letra-som de todas as palavras da língua portuguesa. E se *Ecola Sata Facica* aparecer, por exemplo, numa turma de 4º ano, será uma informação importante para a professora de que é preciso investigar a razão de um desempenho muito aquém do esperado. A correção do escrito, indicando a correta ortografia para a criança, ainda que nessas circunstâncias seja razoável, não ajudará a professora a entender a razão de um erro que não se espera no 4º ano.

A professora Laís Pereira de Oliveira (2016) afirma que por trás do excesso de preocupação com a correção de tudo “está a ideia de que a aprendizagem se dá por estímulos externos, pelo controle e pela exposição daquele que ensina. Perpassa a ilusão de que, porque o professor diz o resultado, controla a resposta, o aluno aprenderá. (...) Não é assim que a aprendizagem se dá. Para aprender, é preciso um processo que implica um posicionamento ativo do aluno frente ao objeto de ensino”.

Comenta que existem “diferentes modalidades de correções de atividades: correções coletivas em que toda a classe discute junto; correções realizadas em duplas; correções feitas em pequenos grupos; correções feitas pela professora com devolutiva aos alunos. Em todas essas modalidades, os alunos são colocados no centro do processo. Mesmo quando a correção é feita pela professora, há uma devolutiva ao aluno que o faz voltar ao que foi realizado, revisar sua resposta.”

E prossegue, destacando as dúvidas mais recorrentes:

“Mas o que acontece quando os alunos corrigem uma lição em dupla? E se ficar errado? Então as correções estão todas nas mãos dos alunos? A professora não tem controle sobre o que se corrige?”

A professora usa de estratégias para acompanhar as correções em dupla e em pequenos grupos. (...) Também passa pelos grupos acompanhando algumas discussões. Recolhe os cadernos de vez em quando, e retoma com alguns alunos as eventuais lições que ficaram sem correção, mas, nesse caso, implica o aluno na retomada e na correção da mesma. Além disso, acompanha mais de perto crianças que têm mais dificuldades ou que se envolvem menos nesses momentos.

Ah, mas pode passar uma lição sem correção? Sim, pode.

E quando ele for estudar para a prova? Não acreditamos que uma criança aprende porque leu um resultado certo e também não acreditamos que ‘desaprende’ porque viu um resultado errado. Além disso, um conteúdo não é trabalhado através de uma única atividade, mas sim por um conjunto delas.”

Os tipos de correção a que a professora Laís se refere são os que hoje acontecem em várias escolas: **correções coletivas** em que toda a classe trabalha junto com o professor; **correções em duplas ou pequenos grupos** com supervisão do professor; **correções feitas pelo professor diretamente nos trabalhos dos alunos**.

Para tanto, geralmente se define uma legenda que, quando compartilhada, serve de orientação para qualquer pessoa que tiver acesso às produções dos alunos. Pode ser uma marca em cor ou uma sigla específica para cada tipo de correção (incluindo uma destinada às atividades não corrigidas), como por exemplo: CC - **correção coletiva**; CG – **correção em grupo**; CI - **correção individual**; e ASC – **atividade analisada, mas sem correção, para retomada posterior**.

Um exemplo emblemático desse último tipo são as propostas de análise dos textos produzidos para identificar incidências de erros, registradas em uma tabela, de uso privado do professor, que subsidia o planejamento das atividades ‘paralelas’ de trabalho com conteúdos que precisam ser abordados ou retomados, conforme indicam as produções dos alunos. Uma delas, que diz respeito à ortografia, é esta:

NOME	USO DE RR	USO DE M ANTES DE P E B	USO DE SS	SEGMENTAÇÃO		
	EX. DE ERROS:	EX. DE ERROS:	EX. DE ERROS:	EX. DE ERROS:	EX. DE ERROS:	EX. DE ERROS:
ANDERSON	berou, coreu	canpo, tabeim	asustado enssinar	eudisepraela elemedeuam ão		
CLÁUDIO						
DANIELA						
FERNANDA						
HENRIQUE						
MANUELA						

E há também um tipo de devolutiva para a produção de cada aluno que resulta não apenas em correções diretamente no texto, mas também em orientações (ajudas ajustadas) que remetem à retomada e análise crítica pelo autor. É o caso desta, por exemplo:

Diego,

Muito legal a sua forma, seu estilo de escrever. O texto não tem grandes conflitos, grandes aventuras ou tensões, mas tem uma coisa muito importante: qualidade da escrita. Você é muito bom para descrever coisas, lugares e acontecimentos, quase dá para ver o que você descreve, sentir o gosto do leite ou ouvir o barulho do rio. Isso é uma coisa muito importante e difícil de se encontrar! Parabéns...

Algumas palavras estão escritas de forma errada e precisam ser corrigidas. Destaquei em azul as que encontrei, para você verificar e acertar.

Em muitas escolas os professores produzem uma legenda com os alunos, para favorecer as indicações diretas nos textos, como por exemplo: azul para falhas ortográficas, verde para questões gramaticais e amarelo para problemas de pontuação. Evidentemente o que é apontado como problema dependerá sempre do ano de escolaridade, do que já foi ensinado e do nível de conhecimento prévio da turma. No caso do 1º ano, por exemplo, é possível que

a indicação de algumas falhas ortográficas seja a única pertinente, e apenas no segundo semestre.

Esses são tipos de correção que dizem respeito ao produto do trabalho dos alunos. Mas existe um outro tipo, muito importante para a aprendizagem, que é a intervenção do professor durante as atividades, enquanto eles trabalham em pequenos grupos ou individualmente, que pode se expressar em perguntas que os ajudem a pensar, em problematizações ou apenas apontando erros. Quando é assim, essas indicações do professor não aparecem no produto final apresentado pelos alunos, mas estão de algum modo incluídas em seu processo de aprendizagem.

No que diz respeito à correção dos textos produzidos pelos alunos, além de considerar o que eles são capazes de assimilar, tendo em conta o que já conseguem compreender, existe ainda um aspecto fundamental que é a função comunicativa da linguagem e, conseqüentemente, o destino e os destinatários dos seus textos.

No documento *Diseño Curricular para la Escuela Primaria de la Ciudad de Buenos Aires*, encontramos uma reflexão importante a esse respeito:

“É esperado que os textos produzidos pelos alunos não apresentem todas as convenções da escrita e requeiram muitas correções. Mas até onde corrigir? É necessário corrigir tudo? Devemos ter como expectativa conseguir textos ‘perfeitos’?”

A resposta a essas perguntas será diferente a depender da situação comunicativa em que o texto estiver inserido:

Quando for um texto privado – um diário, uma agenda, um caderno de anotações –, será suficiente que o autor corrija aquilo que ele mesmo conseguir corrigir.

Quando for um escrito que será lido por todos os integrantes da classe – mural da sala de aula, regulamento da biblioteca etc. –, os colegas podem colaborar com o autor e o professor pode problematizar aspectos que considere pertinentes (aqueles que o grupo estiver em condições de corrigir naquele momento).

Quando for um texto dirigido a outras pessoas da escola ou aos pais, a correção em grupo ou coletiva deve ser feita com cuidado especial – e só não será corrigido aquilo que estiver muito acima da capacidade de compreensão dos alunos no momento.

Quando o texto tiver um destino público – carta formal para uma autoridade, cartazes para uma campanha na comunidade, artigo para um jornal da escola ou da cidade, por exemplo –, então, depois que os alunos tiverem feito uma revisão cuidadosa, será preciso que o professor corrija os aspectos que eles sozinhos não foram ainda capazes de melhorar.”

Portanto, se o objetivo é que os alunos desenvolvam a capacidade de olhar criticamente para os seus textos e revisá-los (em vez de serem apenas informados de seus erros, sempre corrigidos pelo professor), se o objetivo é que eles utilizem a língua com adequação nas diferentes situações comunicativas, considerando as convenções pertinentes a cada caso (em vez de simplesmente reproduzirem modelos corretos), então não fará sentido o professor corrigir sempre tudo **para eles**.

O nível de correção do texto produzido tem relação com o seu destino e o quão público ele se tornará.

Este registro reúne algumas considerações sobre dois tipos de propostas que evidenciam muito a abordagem da escola, especialmente no que diz respeito às concepções de ensino e aprendizagem, papel do professor e lugar do aluno nesse processo.

A reflexão mais importante a fazer, sejam propostas de lição de casa ou de correção, é se elas desafiam as crianças, adolescentes e jovens a aprender, se contribuem para que desenvolvam postura de estudante, se fortalecem o compromisso com as atividades escolares.

E, como bem sabemos, os ingredientes para essas conquistas pedagógicas não são a repetição, a reprodução, a memorização sem sentido e o dever de apresentar respostas corretas. Ainda mais nestes tempos que hoje vivemos.

Referências

Calligaris, Contardo. **Os pais e a escola.**

In <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2014/08/1499810-os-pais-e-a-escola.shtml>

Capelossi, Clíce. **Boletim Escola da Vila** nº 2, ano 1.

Oliveira, Laís Pereira. **Mas a professora não corrige todas as lições do caderno?**

In <http://www.escoladavila.com.br/blog/?p=13328>

Ramos, Heloísa. **Como gerenciar a correção das tarefas de casa?**

In <https://novaescola.org.br/conteudo/639/como-gerenciar-a-correcao-das-tarefas-de-casa>

Secretaria de la Educación del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. **Diseño Curricular para la Escuela Primaria de la Ciudad de Buenos Aires.** Buenos Aires, 2004.

Soligo, Rosaura. **Cartas Pedagógicas sobre a Docência.**

In www.facebook.com/cartaspedagogicas/

Soligo, Rosaura. **Sistematizando o currículo da Escola Cooperativa.**

<https://rosaurasoligoiteoficial.files.wordpress.com/2016/09/registro-parcial-da-proposta-pedag3b3gica-da-escola-cooperativa.pdf>